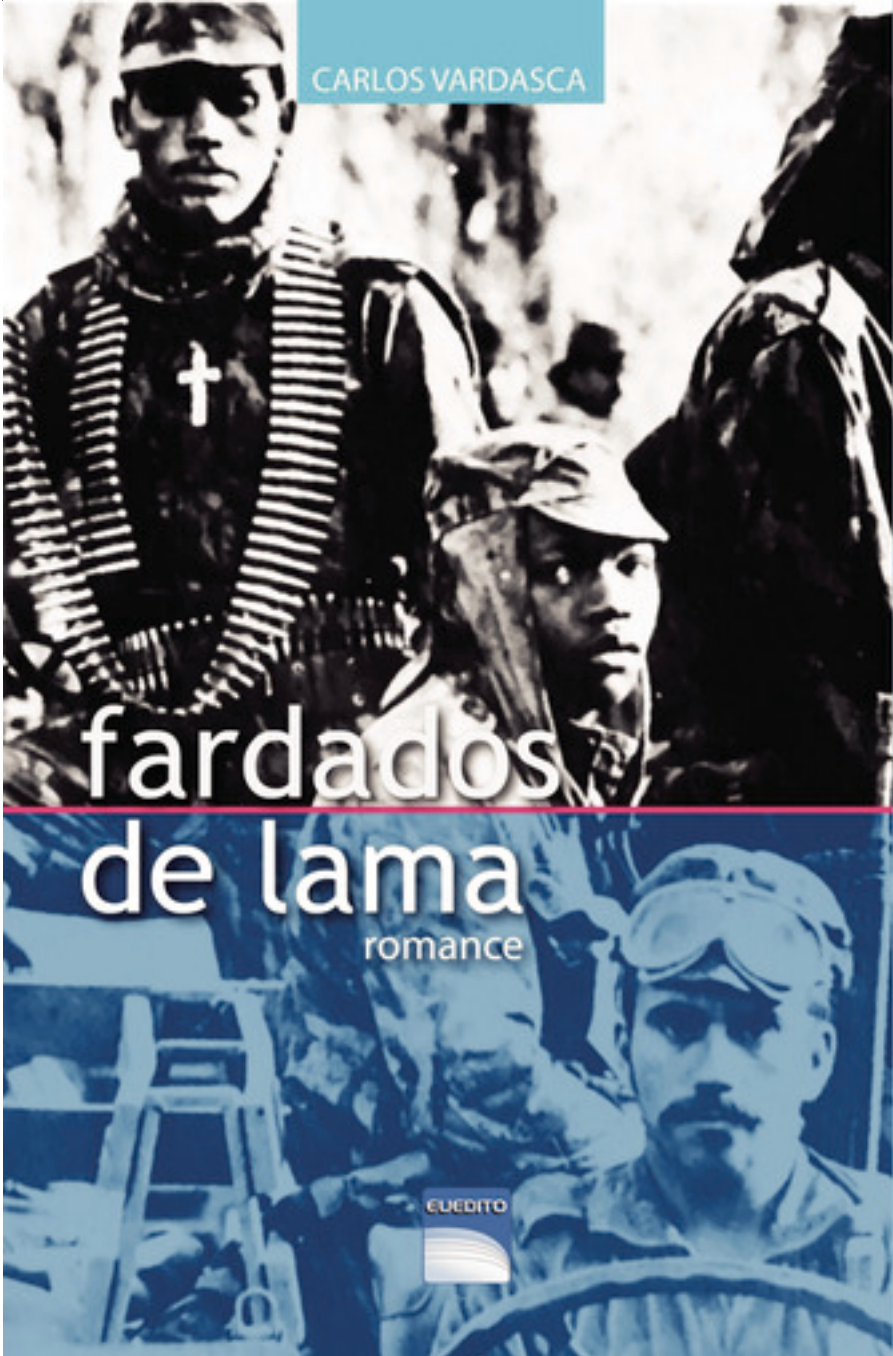




CARLOS VARDASCA

fardados de lama

romance

EQUEDITO

Prefácio

De maneira discreta, quase em segredo como se aceitasse a imposição de novas situações de clandestinidade, tem vindo nos últimos anos a surgir um novo género de literatura: literatura da guerra colonial. Se após o reconhecimento da independência das colónias e assinatura dos respectivos tratados de paz, ainda se seguiu um longo período de relativo silêncio sobre os horrores da guerra, eis que no limiar do novo século, paulatinamente, sem dar nas vistas, à revelia tanto de críticos como de historiadores em busca de assunto, esta literatura tem vindo a recheiar sobretudo uma parte conspícua dos catálogos das editoras de autor, o que implica uma forte limitação ao seu sucesso, ou seja, neste caso, ao seu conhecimento e divulgação. De qualquer modo, finalmente, contando um adiamento de pelo menos três ou quatro décadas, rasgou-se essa cortina do silêncio que abafou e impediu um conhecimento da evolução dos ambientes que se viveram nas diversas fases por que passou o confronto político e armado, bem como a interpretação das causas e efeitos da guerra e das vicissitudes que marcam os seus inícios, os factos e acontecimentos mais importantes e até o fim dos combates e suas consequências.

De carácter quase sempre memorialístico, obra de ex-combatentes, mais do que pelo gosto da criação literária motivados pela necessidade premente de “desabafar”, de aliviar a carga de recordações que os traumatizam, dando assim o testemunho da sua experiência pessoal nos vários teatros de guerra, constam já desta bibliografia, segundo me dizem, entre romances, crónicas e recolhas de memórias ou sob outras formas como poesia, correspondência epistolar ou diários, mais de duas centenas de títulos. Duzentos e tal livros que terão decerto passado fugazmente pelos nossos olhos distraídos, que talvez apenas reparem nos nomes dos escritores mais consagrados (do ponto de vista literário, distinguem-se Lobo Antunes, João de Melo, Mário de Carvalho – esse notável efabulador que foge ao esquema acima por não ter sido combatente nesta guerra transcontinental, e que apesar disso ousa escrever sobre ambientes e acontecimentos que nunca viveu, – e poucos mais; por outro lado, na vertente da informação histórica e de técnica militar, destaca-se Carlos Vale Ferraz).

É dentro deste contexto que surge o *Fardados de Lama*. A tendência imediata que nos dá é defini-lo como “um romance sobre a guerra colonial” pondo em evidência o que o assimila a esse género de narrativas. No entanto, só a custo se poderá aplicar o termo “romance” a esta obra, visto que rigorosamente não se trata de um “romance”, pelo menos nos capítulos respeitantes à sua participação na guerra: tem toda a aparência de um relatório circunstanciado, através dos olhos do Carlos Vardasca, das vicissitudes por que passou a Companhia de Caçadores 3309, como se vê pela constante preocupação de identificar os militares seus companheiros de sofrimento sempre que evoca as suas alcunhas. De resto, confirma-se absoluta-

mente que não se trata de simples aparência visto que estes dados, e outros bem concretos como datas ou localizações geográficas, coincidem ponto por ponto com esse registo pormenorizado da presença no norte de Moçambique da citada Companhia, e que constitui o primeiro livro do Autor.¹

Do ponto de vista da consciência político-ideológica, estes autores, como as personagens de que se revestem, podem abranger um leque com toda a amplitude possível: contudo a esmagadora maioria tem como ponto de partida o jovem inculto, politicamente ignorante e indiferente, sem posição activa, que com o agudizar das contradições em que participa ou simplesmente a que assiste no terreno, vai ganhando consciência e aprofundando o espírito crítico e fazendo a sua formação cívica e política integrada na rejeição das forças e do ideário de quem foi arrancá-lo ao seu torrão natal, mandando-o fazer aquela guerra.

Com efeito, por via de regra são raras as obras deste género de ficção autobiográfica em que o protagonista já apresenta uma relativa formação ideológica anterior de cariz não só antifascista mas também anticolonialista, como sucede aqui nestes *Fardados de Lama*. O Braz não iria decerto fazer qualquer trabalho político organizado junto dos seus camaradas de armas e de perigos, atribulações e canseiras: mas é através das suas leituras, das conversas com alguns amigos – nomeadamente o cozinheiro cabinda, seu primeiro grande amigo e mestre durante o tempo de serviço na marinha mercante – e por meio da sua sensibilidade e da experiência de vida que tinha vindo a acumular desde os seus tempos de menino e rapaz, e sobretudo perante a opressão e

¹ Vardasca, C. – *Do Tejo ao Rovuma. Uma breve pausa num tempo das nossas vidas*. Euedito, s/l, 2012, 351 p.

violência sobre os nativos a que assiste em Moçambique, que pouco a pouco se estrutura o seu sentido de justiça e a consciência do bem e do mal.

Em *Fardados de Lama*, o que conta não é o seu processo de consciencialização, mas o vivo retrato que nos dá do ambiente que viviam os soldados portugueses, naquele momento e naquele lugar, ou seja no norte de Moçambique entre Janeiro de 1971 e Março de 1973: numa guerra que já se aproximava do seu fim, mas nem por isso menos cruel e sanguinária, dando conta dos sentimentos de frustração e revolta entre as tropas expedicionárias, poucos meses antes do cessar-fogo e quando já se perfilava no horizonte próximo um desairoso final para esta campanha inglória.

Contudo, não se pode dizer que seja um livro “de guerra”, ou melhor, um livro *apenas* de guerra (embora esta tenha um lugar predominante na trama, insisto). É que o Carlos Vardasca entendeu por bem ir alternando a sua narrativa da guerra com mais duas narrações, uma sobre a infância e adolescência do protagonista, brutalmente marcadas por atribulações que aproximam a sua vida da dos pequenos heróis de Dickens, e a outra sobre a vida de sua mãe, nomeadamente desde que troca a pastorícia na sua aldeia transmontana pelo serviço doméstico na cidade de Lisboa. Narração de episódios que lhe terão sido contados, que ele não viveu ou de qualquer modo marcados por mediações alheias, e logo sem a vivacidade com que narra os factos da guerra, esses inesquecíveis acontecimentos, tão intensamente ele os viveu. O Autor tem a louvável intenção de ilustrar em que medida as agruras da infância e adolescência foram determinantes para a formação do seu carácter e temperamento, bem como na consolidação de uma consciência

política solidária e progressista, ainda incipiente à altura da mobilização, mas terreno fértil onde haviam de germinar as sementes dos que eram para ele os ideais revolucionários.

E por falarmos em conversas, o discurso directo é uma pedra de toque das mais sensíveis na avaliação das qualidades de um escrito. A sua naturalidade e fluência são essenciais para demonstrar que se reproduz o falar de homens e não de meras personagens sem vida própria debitando fraseados alheios aprendidos de cor. Esta questão agudiza-se em certos diálogos “didácticos”, os discursos de consciencialização política feitos aos seus camaradas de armas. Em *Fardados de Lama*, os outros soldados vão perdendo a inicial estranheza – e desconfiança – pelo “intelectual”, enquanto ele aprende progressivamente a reconhecer que, embora sem nada saberem de política, mesmo não compreendendo as motivações do autor/protagonista, lhe oferecem uma amizade indefectível, demonstrando-se prontos a ajudá-lo sem hesitações apesar dos riscos que correm.

Creio digna de publicação esta obra, dada a sua utilidade para se conhecer um pouco mais do ambiente vivido pelos soldados portugueses, dos seus sentimentos de frustração e revolta, nos penúltimos anos de acção bélica, ou seja, poucos meses antes do cessar-fogo quando já se divisava no horizonte próximo um desairoso final para esta guerra inglória.

José Colaço Barreiros

I

Eram não se sabe quantas, as carruagens que ali seguiam, todas elas inundadas de gente que mergulhava no álcool, parecendo querer esquecer qualquer tragédia.

O verde das fardas fazia lembrar a imensidão do mar, que ali se tornava turbulento com o vaivém dos soldados, que vagueavam ao longo das carruagens sufocantes, em busca de algo que não encontravam.

Um arrote aqui, uma garrafa partida ali e um ai de guitarra que gemia acolá, e as carruagens agonizavam em direcção a um cais de partida já viciado pelo peso de muitas botas cardadas, que marcharam, compassadas, ao som de uma marcha já familiar para um velho marítimo que por ali passava e que, nas horas vagas, biscatava como carregador de malas, fazendo-se acompanhar por um cão rafeiro de pêlo desorganizado, que se assemelhava a um mendigo acabado de pernoitar debaixo de cobertores de cartão algures nas arcadas do Terreiro do Paço, como se o som da *Maria da Fonte* o fizesse esquecer as suas marchas agonizantes pelas amarguras da fome.

Era de manhã e o Sol, apesar das nuvens que tentavam impedir o seu brilho, já começara a beijar o país quando as

carruagens entraram lentamente na zona marítima como que arrependidas, talvez até decididas a levarem aqueles soldados de volta para bem longe daquele cais de partida, apesar de tanto as terem agonizado com os gemidos das guitarras, das garrafas partidas contra as suas paredes, e da humidade das lágrimas embebidas em *brandy* barato que se confundia com a dor.

Estava-se em Janeiro e datavam vinte e quatro dias do ano de 1971, e o céu tornava-se tão escuro como as vestes desbotadas das viúvas.

Tudo indicava que iria chover. As gaivotas já tinham desistido de perseguir uma traineira que acabara a faina. Deixaram também de vasculhar o entulho de uma das lixeiras nos arredores de Lisboa, sobrevoando agora, por cima da Gare Marítima de Alcântara, cais de embarque de felicidades adiadas, entoando com o seu piar, notas musicais que se misturavam na pauta que era desenhada ao som do choro perturbador de numerosos familiares que, naquele cais se amontoavam inquietos, tentando abraçar alguém que sentiam fugir-lhes.

Uma das janelas da carruagem abriu-se, e o simples gesto do desapertar o nó da gravata seguido do despir do blusão cor de azeitona fosca, não impediam de acompanhar o percurso dos olhos de Braz que invadiram de imediato o cais de embarque, na ânsia de encontrar alguém que não encontrara até aí, ignorando o frio que se fazia sentir naquela manhã.

Ao sair da carruagem olhou para trás como se fizesse uma despedida, continuando a caminhar vagarosamente, misturando-se com a multidão que então se juntara, procurando ansiosamente algo que há muito não partilhava mas que sabia pertencer-lhe e não achava.

Parecendo louco, fugindo de tudo, ignorando outras angústias que inundavam aquele cais, correu preocupado tentando afastar-se da multidão angustiada e, sem ter tempo de sentir a emoção de quem acha um tesouro no fundo do mar, sentiu-se apertado por uns braços fortes, num abraço muito quente, desesperado, cuja angústia se vislumbrava na face rude, humedecida pelas lágrimas, que percorriam aquele rosto moldado pelo sofrimento de uma vida de trabalho e por uma existência que se adivinhava provisória.

Ao olhar a mãe, excessivamente emocionado, Braz aconchegou-se nos seus seios como uma criança, beijando-a como então nunca a beijara.

O marido nunca a acompanhava para o meio de grandes multidões, deixando-se ficar a um canto do edifício da Companhia Colonial de Navegação.

Ambos caminharam, bem juntos, na direcção do pai, este, meio escondido por entre os pilares de um dos terraços, olhava incessantemente em todas as direcções, como se não quisesse ser visto por alguém que o filho desconhecia mas de quem a mãe já tivera amargas recordações.

Fora breve a permanência junto dos familiares. Ao chamarem os soldados para a formatura, Braz, percebendo que começara a aumentar a distância entre aquele breve aconchego da mãe e as amarguras da guerra, voltou-se sobressaltado, compreendendo que estava bem presente a hora da despedida, reparando que ao fundo da avenida do cais as tropas já se ordenavam na formatura; os músicos da banda do exército já afinavam os instrumentos; os oficiais gerais já se alinhavam na tribuna preparando-se para o frete a que já se habituaram, e as senhoras do Movimento Nacional Feminino davam os últimos

retoques no convencimento e na mentalidade de alguns populares, que mesmo assim, não se resignavam em ver partir os seus filhos, em troca de algumas bugigangas e meia dúzia de maços de tabaco do mais rasca que havia no mercado.

A muito custo, e depois de a mãe o inundar de lágrimas que pareciam formar ondas gigantes que o tentavam tragar, Braz despediu-se apressadamente, correndo para a formatura.

Antes de se misturar com outras angústias que já invadiam a formação militar, num instante, parou, permanecendo alguns momentos imóvel, voltando-se de seguida, reparando que a mãe sustinha as lágrimas com muito custo, como que a dar tempo que estas secassem, para darem lugar a novas e minúsculas gotas de água que, ao vê-las, sentiu que lhe inundavam o coração como as cheias a que se habituara ver inundar as lezírias ribatejanas.

A fanfarra do exército fizera-se ouvir e, após breves notas de afinação, lá fez entoar uma música mal afinada que, por não ser nova, já os soldados a sabiam de cor.

A *Maria da Fonte* era habitual abrilhantar os desfiles militares, e a sua melodia triunfal, empolgante, fazia com que os militares sustessem dentro de si desabafos de revolta ou qualquer grito de dor, por se sentirem, contrariados, empurrados além para das trevas, para além do mar.

Na parada, empedrada de negro, as tropas devidamente alinhadas, algumas delas parecendo famintas por desertar, iniciavam o seu desfile, ilustrado por uma cena trágico-marítima num palco do qual pareciam não ter forças para abandona, forçando as suas botas que, de raiva, batiam na calçada com tanta força, não conseguindo abafar os gritos e os desabafos roucos dos familiares que se aglomeravam nos passeios da zona marítima, que a muito custo iam contendo a sua dor, enquanto

outros, fragilizados pela emoção exteriorizavam a sua revolta, gesticulando os braços por cima dos véus que protegiam os cabelos caídos sobre uns ombros já gastos do cansaço:

– Assassinos... fascistas! Quero o meu filho de volta!... Filhos da puta, vão para lá vocês, seus cabrões de merda!

As botas, indiferentes, continuavam na sua marcha a calcar as pedras da calçada sem que estas se lamentassem, pois também elas se sentiam oprimidas não só pelo peso angustiante de quem partia para a guerra, mas também, noutras épocas estivais, por turistas ocasionais que por ali aportavam em luxuosos navios de cruzeiro, que contrastavam pela sua opulência com o velho *Niassa* que se preparava ingenuamente para os tragar, enquanto ao longe, no meio da multidão, tentando abafar os protestos que pareciam transportar alguma coerência, a polícia política fazia as primeiras prisões.

De porões abertos, o *Niassa* assemelhava-se a um monstro sequioso por engolir algo a que se habituara, desde que nas colónias portuguesas a instabilidade política e social se instalara e passara a ser fretado para o transporte de tropas.

Ao olhar em seu redor, debaixo de uma grande tristeza que se misturava com uma incontrolável perturbação, Braz, finalmente, dando largas a uma emoção que exteriorizava uma rara felicidade, conseguiu sorrir porque reparou que não chorava sozinho. O sentimento de raiva que sentia dentro de si tornou-se mais notório, quando lhe veio à memória a pequena nota de quinhentos escudos que fora distribuída a cada soldado da sua Companhia, como se o preço da sua partida estivesse naquela gorjeta elevada ao grau de pré, magro salário militar que se perdia na profundidade dos bolsos das suas fardas.

O Tremoço², conhecido pela pequenez da sua figura deveras muito frágil, de faces muito redondas, também soluçava e as suas lágrimas, apesar da sua fragilidade, também reivindicavam a partilha de alguma revolta, caindo-lhe pelo rosto avermelhado com o brilho dos seus olhos a recordar os montes da Rasca, sua aldeia natal.

A formatura passava agora em frente à tribuna oficial e, nas tropas, ao olharem à sua direita obedecendo à voz do comandante, despertou-se a curiosidade pela observação de um dos soldados da companhia que murmurou:

– Olha! Lá estão as gajas!

– Quem? – murmurou outro.

– As burguesas do Movimento Nacional Feminino. Afinal também as putas querem que a malta vá para a guerra.

Braz olhou para a tribuna e, de facto, elas, feitas esposas de generais mas serviçais e distribuidoras de caridade nas horas vagas, já tinham despedido as batas, farda militar da instituição, ostentando agora os seus casacos de astracã que contrastavam com os velhos agasalhos de alguns populares que permaneciam na orla dos passeios da gare marítima, na ânsia de os acenar à passagem de um ente querido que partia agora para lugar incerto.

O *Niassa*, esse monstro que permanecia imóvel e alheio ao sofrer daquela gente, exibia no casco um verde desbotado e um aspecto cansado, que há muito exigiam o seu desmantelamento, num cemitério nada idêntico aos outros cemitérios onde alguns daqueles soldados iriam dormir um sono eterno.

Ao subir lentamente a escada de acesso ao portaló, Braz, disparando um olhar triste em seu redor, reparou que algumas

² Alcinha do soldado condutor Lopes.

tropas ainda desfilavam no cais de embarque, apercebendo-se, então, de quanta beleza transportavam aquelas bandeiras bordadas a ouro dos diversos batalhões que estavam prestes a ser engolidos por aquele monte de aço, mas que teimosamente sulcavam ao vento imitando a ondulação de um navio em alto-mar. De imediato, sentindo-se engolidas por um monstro de ferro, aquelas tropas foram sendo despejadas nos porões como se fossem carga para ser consumida num qualquer país longínquo.

Era no fundo daqueles porões que iriam passar os próximos dias até que o navio, já cansado, os despejasse num porto distante, depois de uma viagem lenta, sufocante, mas com a certeza de uma ida, cujo regresso se tornava cada vez mais incerto com o recrudescer da guerra.

Cinco apitos estridentes se fizeram ouvir e logo os lenços coloridos, os casacos já gastos da sua longa existência, assim como os xailes cheirando a fumo das lareiras e ao estrume que fora atirado à terra no dia anterior, se agitaram no ar como que enviando uma mensagem rouca de desespero, traduzida numa angústia pela partida de um filho, de um marido ou de um amante que mal tiveram tempo de ser amados.

No cimo dos guindastes e empoleirados nos mastros, os soldados gesticulavam um último aceno e, Braz, pendurado numa das suas extremidades, agitava o cachecol como se dissesse adeus a todos os presentes naquele cais, uma vez que no meio daquela multidão angustiada não conseguia achar aquela mulher que muitos anos antes havia abandonado a sua terra para, como criada de servir, em Lisboa, o parir sem jeito nem prosa, quando faziam vinte e um dias do mês de Setembro e passados quatro anos de ter findado a II Grande Guerra Mundial,

emprenhada por um homem a quem se habituou a chamar pai mas sempre ausente e em parte incerta, oriundo da freguesia de Marvila em Santarém, de profissão sapateiro, amante do álcool e das amantes, prisioneiro de uma clandestinidade militante mas sem convicções fortes, fazendo da sua casa um dormitório temporário no intervalo das suas orgias sazonais.

Já um pouco afastado da muralha, inclinado para um dos lados devido ao peso dos soldados que se amontoavam na amurada virada para o cais, o *Niassa* continuava a roncar os seus apitos arrepiantes enquanto Braz, do alto do guindaste, finalmente, vislumbrou, no meio daquele mar de gente, Gracinda, sua mãe, que agitava os braços como se quisesse abraçar aquele monstro feito monte de chapa envelhecido, arrancar de lá o seu filho e fugir para bem longe dali onde mais ninguém o pudesse partilhar.

O pai, como já se tornara hábito, não encontrou lugar ao lado dela e quase à ponta do cais, por debaixo do edifício da Companhia de Navegação, por entre dois pilares, meio escondido, acenava para o filho como que a querer dizer que se despedia de alguém que não tivera tempo para amar e de quem iniciava uma longa ausência com a incerteza do seu regresso.

Sem dar tempo ao tempo, as amizades de caserna logo se fizeram sentir ainda o navio navegava no Tejo prestes a entrar no oceano Atlântico, apesar do cheiro ocre dos porões que foram adaptados para que as tropas ali fossem instaladas.

Num dos cantos do porão transformado em caserna, já tilintavam moedas cansadas, como escravas, de pertencerem a diversos donos e, noutro canto, onde outrora se apinharam outras mercadorias, repousavam agora soldados exaustos enquanto outros, meio melancólicos, tentavam desbastar um

naco de presunto que à força de muito trabalho e canseiras, pudera ser dado por um familiar que se encontrava agora bem distante.

“...Grito tanto que me sinto rouco, estendo a mão fechando o punho, tudo quanto agarro é tão pouco...”, parecia dizer alguém que permanecia sozinho ao fundo do cais acenando para o navio que desaparecera no horizonte, enquanto ao longe a multidão se dispersava, tentando uns secar as últimas lágrimas, outros pensando no trabalho árduo do campo cuja terra iria ser desbravada com a ausência de alguns braços, de que inesperadamente ficara privada.

II

Passavam já das duas da manhã quando o velho portão se abriu. Ao entrar no pátio escuro, Braz viu que *Bobi*, cão de pequena estatura, malhado de castanho e branco, lhe pulara para as pernas, esperando que sobrasse alguma carícia depois de alguns meses de ausência no Batalhão de Caçadores 10 em Chaves.

Gracinda ouviu o latir do cão e acordou assustada. O marido, que ressonava pausadamente de uma vida cujo trabalho era atirado para bem longe do seu imaginário, também acordou e, franzindo a larga cicatriz que lhe cruzava a testa, disse de imediato,

– Vai lá Gracinda, levanta-te, vai ver quem está a apoquentar o cabrão do cão.

– Cala-te, não sejas tão bruto – disse a mulher agasalhando-se. – Não vês que é o teu filho! Já não conheces os seus passos e o latir de contentamento do *Bobi*? Esqueces-te depressa das coisas boas, mas os copos de vinho que emborcas nas tabernas do Rocha, do Nicolau e do Quinzena com os teus amigos, e os maços de tabaco que mastigas, esses recordas tu

bem apesar de já teres os teus miolos em vinha de alho e os teus pulmões tão encardidos como a chaminé de um forno de lenha a cozer pão.

Gracinda abeirou-se do postigo, afastando as pequenas cortinas que bordara em croché. Para confirmar o seu pressentimento, abriu a porta.

– Filho, és tu? Não te esperava depois de tanta ausência e a meio da semana!

Gracinda, pasmada, olhava o filho que lhe parecia irreconhecível, perguntando-lhe:

– O que é que te aconteceu, Carlos Alberto? Tens o cabelo todo rapado à escovinha!

O filho sem saber como responder limitou-se a encurtar a conversa:

– Foi uma embirração do capitão Hélio que mais tarde lhe conto.

– Mas conta lá filho! Vieste já de fim-de-semana tão cedo? Ainda agora é quarta-feira! depois como é que vais para o quartel? A vida tem estado tão má... Como é que me vou arranjar para a tua viagem de regresso a Chaves? Estás tão longe! Se calhar vou ter que pedir dinheiro emprestado à D. Maria do Carlitos. O teu pai não tem tido trabalho de jeito e... mas entra, filho, que está tanto frio aí fora. Esta semana tem feito um frio de rachar que nem tenho ido mais a tua irmã ao rabisco da azeitona, p'ra ver se ganhamos algum para a bucha porque sabes como o teu pai é. Sai daqui *Bobi*! Não saltes tanto e vai para a barraca... vai! Olha que sujas a farda do dono.

O filho, não sabendo como explicar a sua presença tão inesperada, quis tranquilizar a mãe dizendo:

– Mãe, não se preocupe com a viagem de regresso; deram a todos uma nota de quinhentos escudos que chega muito bem para a viagem para o quartel e deixar-lhe algum para si.

– Mas, filho... quinhentos escudos... tanto dinheiro? Isso quer dizer que... foste mobilizado... vais para a guerra? – ia dizendo Gracinda começando a soluçar com alguma intensidade e comoção. Perante tanta pressão da mãe o filho foi obrigado a ceder.

– Sim, mãe... fui mobilizado para a guerra, para o Norte de Moçambique e vim gozar vinte e um dias de férias antes de embarcar.

A notícia soou como um estrondo nos ouvidos da mãe que desatou a chorar desordenadamente.

– Olha Carlos – disse Gracinda acordando o marido e alarmando toda a vizinhança do pátio – o nosso filho vai para Moçambique, vai para a guerra; agora é que nunca mais o vemos porque nunca mais vai voltar de lá.

– Volto sim, mãe! Então eu não tenho andado sempre longe, em viagem na Marinha Mercante e quando vocês menos esperam eu não apareço?

– Mas desta vez é diferente, filho. Criámos-te com tanto sacrifício, pusemos-te no colégio para seres um homem, e agora vais para a guerra e podes não mais voltar. Dois militares, que traziam as roupas aqui para a vizinha Cordoeira lavar, morreram em Moçambique. Coitados! A um deles faltava um mês para acabar a comissão no Ultramar e ia casar assim que chegasse.

O pai, que não tinha paciência para ouvir os lamentos da mulher, mandou-a calar.

– Cala-te, estás a chorar para quê? Não vês que em Moçambique nem há guerra! Isso é mais na Guiné e em Angola.